

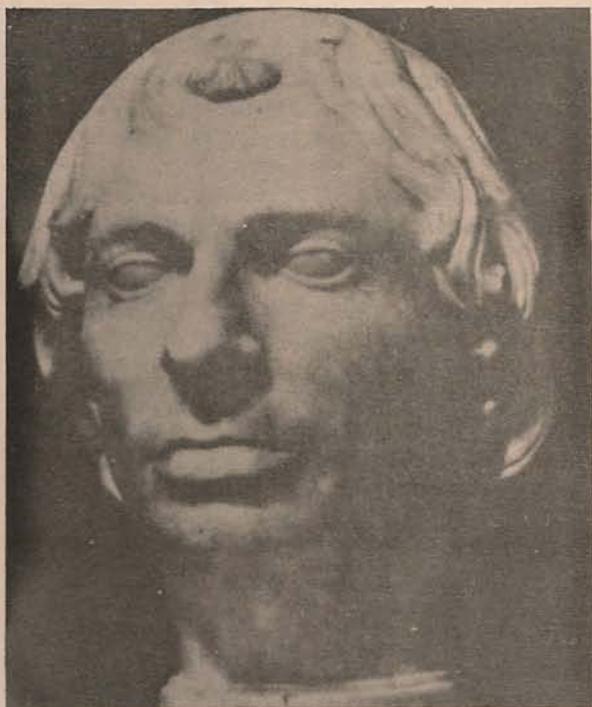
# Breve Resenha Sobre Maquiavel

"Sistema político caracterizado pelo princípio amoralista de que os fins justificam os meios". Tal é a definição que um dos nossos mais conceituados dicionários nos dá a respeito do termo maquiavelismo. E tal é também a concepção mais amplamente difundida e aceita, embora, quase sempre, por pessoas que nunca leram Maquiavel. Aqui vemos configurada uma das maiores injustiças que já se cometeram contra um personagem histórico. Jamais Maquiavel defendeu um sistema baseado pura e simplesmente naquele princípio amoralista (o qual, surpreendentemente, é atribuído a um padre jesuíta do século XVII: se o fim é lícito, os meios também o são).

"Gênio," "fundador da ciência empírica da política", "a mais poderosa mentalidade de estadista de seu tempo": tais as expressões com que qualificam Maquiavel, os estudiosos de sua obra. É evidente também aqui o exagero, embora não possamos deixar de reconhecer no diplomata florentino uma aguçada percepção dos problemas políticos de sua época, ao lado de extrema concisão e clareza ao propor as vias de solução.

Há pouca coisa a salientar na biografia de Maquiavel: nascido em Florença, em 1469, pertencendo a uma família de pequenos fidalgos, recebeu formação humanística, tendo lido diversos autores gregos e latinos. Não obstante, nunca chegou a alcançar erudição suficiente para fazê-lo destacar-se nesse campo. Após a morte do frade Savonarola, o pregador moralista que atribuíra todos os problemas da Itália aos pecados de seu povo, Maquiavel foi nomeado Segundo Chanceler de Florença e, em seguida, Segundo Chanceler da República. Os inflamados discursos de Savonarola não repercutiram de modo profundo em Maquiavel, cujo ideal de toda a vida — a unificação das províncias italianas, conformando um Estado — não se poderia coadunar com o ideal de Savonarola: uma completa e radical reforma do clero com a reafirmação das agora decadentes instituições medievais, incluindo a autoridade papal nos aspectos temporal e espiritual. Maquiavel percebera, com demasiada clareza, que a existência dos Estados papais seria um entrave definitivo para os seus sonhos de unificação da Itália. E sua fria e fina ironia não poupava esses soberanos "que têm um Estado e não o defendem, têm súditos e não os governam".

Em 1.513, com a volta dos Médicis ao poder (havia sido destituídos em 1.494), Maquiavel



é exilado em São Cassiano, onde começa a escrever os dois livros mais importantes: "O Príncipe" e "Discurso sobre a Primeira Década de Tito Lívio". Voltando a Florença e às boas graças dos Médicis, recebe o encargo de escrever uma "História Florentina", obra composta de oito livros. Com a nova queda dos Médicis, em 1.527, Maquiavel é acometido de profundo desgosto por não ser contemplado com a Chancelaria no governo republicano recém-instalado. Adoece, em seguida, vindo a falecer em junho do mesmo ano, segundo seu filho (um dos cinco que tivera com a esposa Marietta Orsini), "depois de ter confessado os seus pecados ao frei Mateus, e deixando-nos em extrema pobreza".

Dois aspectos, porém, se destacam na vida de Maquiavel, e ambos se revestem de fundamental importância para a compreensão de sua obra, influenciando de maneira decisiva as linhas de seu pensamento. Primeiro, o profundo respeito que nutria pela História em geral e pelos personagens históricos em particular; depois o arraigado amor por suas funções públicas, a completa entrega ao serviço do Estado e ao estudo das coisas do governo. Em certa ocasião, escreveu a um amigo: "se não for para falar de política, prefiro fazer voto de silêncio". Com referência ao respeito pelos personagens da História, chega a ser comovente a forma

como ele mesmo o descreve, em uma carta quando no exílio: "À tardinha volto para casa e vou para a minha biblioteca; deixo à porta as roupas poeirentas que usei durante o dia, e visto-me decentemente antes de penetrar no recinto dos homens do passado. Eles me acolhem com bondade, e com eles eu me nutro do alimento que me é próprio e para o qual eu fui feito. Tenho a ousadia de dirigir-me a eles e perguntar-lhes as razões por que agiram desta ou daquela forma. Eles são boa alma, e, em regra, responde. Assim, por muitas horas estou livre de aborrecimentos, esqueço todas as minhas dificuldades, domino o medo da pobreza e o horror da morte. Deixo-me absorver inteiramente por eles".

Essa quase veneração deixaria traços dominantes na obra de Maquiavel, caracterizada pela constante tentativa de reformulação política apoiada em elementos da Antigüidade, obviamente adaptados às condições de seu tempo. Não apenas copiando modelos da Antigüidade, já que repudiava tanto as cidades-estado quanto a idéia de império. O que fazia Maquiavel era semear os germes do nacionalismo, que viriam a alcançar a plenitude na França de Luís XIV. Todo o ideal de sua vida se resumia na conformação, na Itália, de um Estado sólido e firme, não importando se reino ou república. Daí não terem sentido as críticas que se lhe fazem quanto à ambigüidade de sua obra, afirmando que ora defende a monarquia (O Príncipe), ora a república (Discurso sobre a Primeira Década de Tito Lívio).

Segundo Carlo Sforza, autor de excelente comentário sobre a obra e a figura de Maquiavel, a sua política é uma ciência que consiste nas seguintes princípios essenciais:

a) São as capacidades da alma humana que fazem a História;

b) Os interesses e as paixões podem mudar o aspecto, mas não a lei da História; e

c) Embora algumas nações progridam e outras declinem, a contribuição de cada uma à sua época subsistirá sempre.

A sua concepção política, fundada na objetividade histórica, visa primordialmente a instituição e manutenção de um Estado nacional, a reunião de todas as províncias sob um único governo. As fórmulas para se atingir tal fim, aplicáveis especificamente à Itália de inícios do século XVI, Maquiavel as expressa em "O Príncipe", impregnadas de cortante realismo: "Aquele que deixasse o que faz para dedicar-se ao que deveria fazer, iria mais ao encontro de sua ruína do que da sua preservação; porque um homem que queira fazer em tudo profissão de bom, é forçoso que se arruine no meio de tantos que não são bons. É, portanto, necessário que um príncipe que deseja conservar o poder, aprenda a não ser bom e a usar disso ou não, segundo a necessidade". E a cada um de seus conselhos ao príncipe, Maquiavel acrescenta-lhe um exemplo histórico; ou seja,

o maquiavelismo já existia antes de Maquiavel, assim como continuou a existir depois dele. O que fez Maquiavel foi somente pôr a descoberto toda a sujeira que costuma existir por trás da ação dos políticos (ou falsos políticos). E, depois disso, quanta intriga e crueldade, quantos crimes não foram atribuídos à influência de Maquiavel, deixando-se de inculpar aqueles que realmente os praticaram.

Nos "Discursos", Maquiavel volta a insistir na necessidade de se avaliar corretamente a História para aperfeiçoar a arte de governar os povos. E suas vistas se voltam muito mais para a Roma republicana, cuja forma de governo — misto de monarquia, aristocracia e governo popular — ele considerava a ideal. Ressalta também a necessidade de boas leis, para que uma nação cumpra os seus objetivos: "Feliz é a república à qual o destino outorga um legislador prudente, cuja leis se combinam de modo a assegurar a tranqüilidade de todos, sem que seja necessário reformá-las. É o que se viu em Esparta, onde as leis foram respeitadas durante oito séculos, sem alteração e sem desordens perigosas. Infeliz, porém, é a cidade que, não tendo um legislador sábio, é obrigada a restabelecer a ordem no seu seio. Dentre elas, a mais infeliz é a que está mais afastada da ordem; isto é, aquela cujas instituições se apartam do bom caminho que pode levá-las ao seu objetivo perfeito e verdadeiro". Destaca ainda a importância da legitimidade do poder, defendendo a instituição da ditadura à maneira romana, em que se entregavam todos os poderes a um só homem, para solucionar uma situação de crise. Afinal, dizia ele, o que causa dano à vida política é o poder usurpado, não o que é livremente delegado.

No entanto, Maquiavel foi muito mais lido em "O Príncipe", o que lhe veio construindo uma imagem negativa, em absoluto contraste com aquela que podemos extrair da leitura de todos os seus biógrafos: um homem simples, inteligente, afeiçoado ao estudo, complacente por um lado, mas intransigente em suas convicções. E, em sua longa atuação em funções públicas, não parece ter aplicado eficientemente a doutrina que lhe é atribuída: morreu pobre, tendo sido rejeitada a sua contribuição na formação do novo governo de sua cidade.

Resta-nos, desse modo, não a imagem do fundador da ciência política — para tanto, faltava-lhe a necessária estatura filosófica, e também não podemos esquecer de alguns ilustres antecessores. Tampouco a do autor de execrável doutrina amoralista; fica-nos, isso sim, a imagem de um estudioso da ciência do Estado, sempre disposto a assumir as funções públicas, não por interesse próprio, mas por interesse de servir à sua nação.

ZILDO TRAJANO